

O POVOADO PRÉ-HISTÓRICO DE LECEIA (OEIRAS). RESULTADOS DAS ESCAVAÇÕES EFECTUADAS (1983-1993)

por

João Luís Cardoso*

Resumo: Os resultados de onze anos de escavações no povoado pré-histórico de Leceia (Oeiras) são esclarecedores quanto à sucessão cronológico-cultural do Neolítico final ao Calcolítico final verificada na Estremadura portuguesa. Nesta comunicação apresentam-se tais resultados, integrando-os no contexto regional da Estremadura (economia, ocupação do território) e discute-se o seu significado e importância no contexto peninsular.

Palavras-chave: Leceia. Calcolítico. Estremadura portuguesa.

*Hermanfrid Schubart
dem Begründer der modernen Kupferzeitforschungen in
Portugiesisch-Estremadura in Bewunderung und Freundschaft*

1. INTRODUÇÃO

No decurso das últimas décadas, as investigações sobre o Calcolítico da região estremenha (*grosso modo* entre o paralelo de Torres Vedras e o estuário do Sado) conduziram a um avultado conjunto de elementos — dispersos e heteróclitos — respeitantes a povoados e a necrópoles. Porém, a falta de uma perspectiva coerente, tanto no tratamento da informação acumulada, como na produção de nova informação, através das escavações que, continuamente, têm vindo a ser realizadas, impediu, até o presente, a demonstração da forte identidade e da originalidade cultural desta região, no decurso do Calcolítico.

Entre as questões previamente formuladas, deveriam inscrever-se os modelos de exploração dos territórios, tendo em consideração as características ecoló-

* Professor da Universidade Nova de Lisboa. Coordenador do Centro de Estudos Arqueológicos do Concelho de Oeiras — Câmara Municipal de Oeiras, 2780 OEIRAS. PORTUGAL.

gicas e os recursos naturais disponíveis, condicionantes do próprio povoamento, bem como as relações estabelecidas com outros grupos culturais coevos, numa perspectiva diacrónica. Aceder-se-ia, desta forma, ao estabelecimento de uma sequência cultural de âmbito regional, bem como a modelo de organização social, a ela subjacente. Trata-se, enfim, de um processo respeitante a um dado espaço geográfico, no decurso de cerca de um milénio, dos mais ricos e notáveis em termos de transformações das sociedades pré-históricas da Europa Ocidental.

Neste contexto, assumem particular importância os resultados obtidos em Leceia. Trata-se de arqueossítio conhecido do mundo científico desde 1878, ano em que lhe foi dedicada uma extensa e bem elaborada monografia (RIBEIRO, 1878), durante muitos anos a única relativa a um povoado pré-histórico do território português. Porém, jamais se procedeu a verdadeiras escavações, persistindo por esclarecer o real interesse arqueológico do local, sugerido por abundantes materiais de superfície (CARDOSO, 1979, 1980, 1981).

Em 1983, perante a destruição iminente da jazida, caso viesse a ser aprovado um plano geral de urbanização, bem como a abertura de numerosas valas para o plantio de árvores, deu-se início às escavações, com o apoio do IPPAR e da Câmara Municipal de Oeiras, a quem se fica a dever grande parte do êxito alcançado (CARDOSO, 1989; CARDOSO et al., 1984, 1987). Após as onze campanhas anualmente ali realizadas (1983-1993), definiu-se um grande dispositivo defensivo, mediante escavação que ultrapassa 5000 m, dos cerca de 10000 m correspondentes à área construída. Os resultados obtidos colocam Leceia entre um dos mais importantes locais para a compreensão da génese e desenvolvimento das sociedades calcolíticas peninsulares.

2. RESULTADOS OBTIDOS

Como principais resultados de carácter científico, salientam-se os seguintes:

1 — Observa-se, qualquer que seja o local considerado, uma sequência estratigráfica que, quando completa é invariavelmente constituída por três camadas arqueológicas — Camadas 4, 3 e 2 — estreitamente relacionadas com três fases culturais.

Assim, a primeira ocupação (Camada 4), do Neolítico final, encontra-se separada da Camada 3, por um período de erosão correspondente a abandono, talvez total, do local. A Camada 3, correspondente a outra fase cultural, o Calcolítico inicial, encontra-se, por sua vez, separada da Camada 2, do Calcolítico pleno, por um novo momento de abandono, menos importante que o primeiro.

O espólio arqueológico — especialmente a cerâmica decorada — encontrado

em cada uma das camadas referidas, suporta aquela proposta de atribuição cultural, aceitando, com I. Hodder, que a cultura material expressa a identidade cultural, a ela subjacente. Os milhares de peças compulsadas têm confirmado, ano após ano, o referido faseamento cultural.

Assim, a cerâmica decorada por impressões ovulares, organizadas em “folha de acácia” e em “crucifera” é exclusiva da Camada 2, sendo, por conseguinte, desconhecida na Camada 3. Tais motivos decorativos ocorrem, sobretudo, em grandes vasos globulares, ditos “de provisões”, mas são também conhecidos em pequenos recipientes em forma de copo, sucedâneos dos do Calcolítico inicial. Esta fase cultural correspondente à Camada 3, é caracterizada, por seu lado, pela presença das decorações de ténues caneluras, em dois recipientes: os copos e as taças, estas, aparentemente, sobreviventes àqueles. Leceia não confirma, portanto, a justificação, avançada por outros (PARREIRA, 1990: 30), de que os copos teriam apenas uma função diferente das outras cerâmicas calcolíticas, visto caracterizarem, somente, a fase inicial da ocupação calcolítica de Leceia, sendo substituídos por recipientes embora de forma análoga, mas com diferente decoração, maiores e mais grosseiros, em momento calcolítico mais adiantado.

A camada basal da sequência estratigráfica (Camada 4) é, por seu turno, caracterizada pela presença de vasos com o bordo denteado e taças carenadas, vestigiais na Camada 3; acessoriamente, ocorrem outras cerâmicas incisas e impressas, reflexos longínquos de protótipos do Neolítico antigo da mesma região, a menos que se trate de fenómeno recorrente.

2 — Foi possível relacionar a sequência estratigráfica, com a expressão cultural descrita, com as sucessivas fases construtivas identificadas. Os resultados podem sumarizar-se do seguinte modo:

Camada 2 — 3ª Fase Cultural (Calcolítico pleno da Estremadura) - 5ª Fase Construtiva - não discriminada estatisticamente do Calcolítico inicial, em anos de radicarbono, corrigidos para datas AC;

Camada 3 — 2ª Fase Cultural (Calcolítico inicial da Estremadura) 2ª a 4ª Fases Construtivas - 2º quartel do III milénio AC a 1º quartel do II milénio AC, para um intervalo de confiança de 2 sigma;

Camada 4 — 1ª Fase Cultural (Neolítico final da Estremadura) - 1ª Fase Construtiva - 2ª metade do III milénio AC.

3 — A primeira ocupação pré-histórica corresponde à edificação de estruturas de carácter exclusivamente habitacional, correspondentes à 1ª Fase Construtiva. As fases construtivas seguintes evidenciam uma ocupação “planeada” e pré-concebida do espaço, correspondente à edificação, de uma só vez, no decurso da 2ª Fase Construtiva, de uma complexa fortificação organizada em três linhas defen-

sivas; a coerência interna dos próprios restauros e modificações, feitas no decurso das duas fases construtivas seguintes, ainda dentro do Calcolítico inicial, confirmam aquela evidência. A disposição das construções, mostra preocupações de índole proto-urbana; salientam-se, no Calcolítico inicial, a existência de caminhos, lageados ou não, um deles munido de degraus para vencer o declive sul do povoado, comportando-se como eixos de circulação principais, dentro e fora do espaço fortificado. De referir, ainda, um grande espaço intramuros, ao ar livre, com o chão forrado de lages, destinado à reunião de pessoas e bens, talvez em momentos de conflito. No Calcolítico pleno, avultam duas estruturas de planta oval, destinadas à acumulação de detritos, inéditas, tal como as anteriores, nos contextos calcolíticos portugueses. A situação daquelas estruturas, uma no exterior da segunda linha defensiva, junto de uma passagem ali existente, outra em espaço extramuros, longe das áreas habitadas, denota preocupações com a salubridade, reforçando o carácter planeado que possuem no contexto da área construída.

4 — A decadência do esforço construtivo, denunciada por estruturas defensivas de menores dimensões e aparelhos menos cuidados e robustos logo a partir da 3ª Fase Construtiva, acentuou-se notavelmente no Calcolítico pleno. Nesta fase cultural, são quase exclusivas habitações precárias, aproveitando, em boa parte dos casos, as paredes da fortificação, então já abandonada, nalguns locais mesmo destruída. A derradeira presença pré-histórica, denunciada pelas cerâmicas campaniformes, não tem expressão, tanto ao nível construtivo, como estratigráfico.

5 — O cobre ocorre, pela primeira vez, no Calcolítico pleno, em momento em que as imponentes estruturas defensivas se encontravam já desactivadas. Documentou-se a metalurgia desta matéria-prima, através da recolha de pequenas escórias. Os artefactos, em geral de pequenas dimensões, privilegiaram a execução de tarefas que os seus homólogos líticos ou ósseos desempenhavam menos satisfatoriamente (punções, sovelas, agulhas).

3. LECEIA NO CONTEXTO CALCOLÍTICO DA BAIXA ESTREMADURA

A transgressão holocénica teria atingido o seu máximo cerca de 5000 BP (DIAS, 1985). Nessa altura, o nível médio das águas do mar estaria cerca de 5 m acima do actual. As embocaduras fluviais tributárias da margem norte do estuário do Tejo, eram, então, mais amplas e pouco assoreadas, facilitando o acesso ao interior do território adjacente. Tal seria o caso da ribeira de Barcarena, propícia

à circulação de pequenas embarcações fluviais, transportando pessoas e bens. Assim se explica a assídua frequência do litoral, denunciada pela abundância de restos malacológicos, de recolha fácil e diversificada ao longo de todo o ano, nas prais estuarinas.

O clima seria, por outro lado, diferente do actual. O *Optimum climaticum* post-glaciário — período Atlântico — a que correspondem a 1º e início da 2ª Fases Culturais, com *terminus* cerca de 4800 BP, seria caracterizado por condições temperadas, mais húmidas que as actuais, e também mais quentes cerca de 2 a 3º C. A estas, ter-se-iam sucedido outras (THÉOBALD, 1972; RENAULT-MISKOWSKY, 1986) — período sub-boreal, até 2700 BP — menos quentes e mais secas, globalmente propícias ao desenvolvimento de manchas florestais de certa importância, abundantes de recursos (madeira, lenha, veados javalis, ursos), entremeando espaços abertos, propícios a pastagens, com auroques e cavalos. Foi este o ambiente natural que as primeiras comunidades neolíticas conheceram, fixadas no esporão de Leceia, debruçado sobre o vale da ribeira de Barcarena, do alto da sua encosta direita.

Com efeito, tal sítio, escolhido pelas suas boas condições naturais de defesa, cercado de quase todos os lados por escarpa calcária de 8 a 10 m de desnível e possuindo excelentes condições de visibilidade, até ao cabo Espichel, revela as necessidades defensivas desta comunidade, diferenciando-se, por este motivo, das suas antecessoras. O registo arqueológico disponível indica, de facto, que os primeiros povoados de altura surgem na Estremadura apenas no Neolítico final, época em que se integra esta primeira ocupação de Leceia.

A melhoria das tecnologias de produção, associada à designada “Revolução dos Produtos Secundários”, ilustrada pelo aproveitamento da força motriz dos bovídeos na agricultura, esteve na origem do aumento da produção agrícola e, por conseguinte, da acumulação de excedentes, que careciam resguardo e protecção. De facto, em Leceia, está bem documentada a presença de bovinos no Neolítico final, onde são uma das espécies mais frequentes, sendo provável que fossem usados na lavoura. Duas ordens de razões conduzem a tal hipótese: por um lado, o facto de a agricultura ser uma realidade evidente, pela abundância de moínhos manuais e elementos de foice de sílex, sobre lâmina; por outro, sabermos que a criação de bovídeos ser actividade pouco rentável, se apenas com o propósito da produção de proteínas; tenha-se presente a pequena taxa de crescimento anual do gado bovino, comparada com a dos ovinos e caprinos (SILVA, 1993: 217), também bem documentados nesta fase cultural em Leceia.

Tenha-se ainda em consideração a evidência documentada pela associação carro, arado e bucrânios, do santuário rupestre exterior do Escoural, atribuído ao Neolítico final (GOMES et al., 1983).

O aumento das quantidades alimentares disponíveis, explica, por outro lado,

a explosão demográfica que se terá verificado e, deste modo, o surgimento de diferenciações intra e inter comunitárias. Assim sendo, a construção dos grandes povoados fortificados calcolíticos estremenhos seria a resposta a um ambiente cada vez mais competitivo, devido ao aumento da população, que determinará o próprio crescimento dos habitats, como até então jamais se observara. Com efeito, em Leceia, logo no começo do Calcolítico inicial, constrói-se um complexo e extenso dispositivo defensivo, ultrapassando a área de 1 ha. Torna-se evidente a mobilização de mão-de-obra numerosa, durante um longo período de tempo, o que também indicia a disponibilidade de excedentes, susceptíveis de a manter afastada, continuamente, das actividades produtivas.

A maneira organizada e planeada com que tal dispositivo foi executado, com paralelo mais próximo no Zambujal (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981; PARREIRA, 1990: 35) denuncia, outrossim, a existência de um grupo diferenciado no seio da comunidade responsável pela sua concepção.

Vislumbra-se, pois, na construção desta fortificação, a existência de uma numerosa comunidade, capaz de mobilizar durante anos boa parte da sua capacidade produtiva, já estratificada socialmente, competindo a uma certa “elite” a coordenação do trabalho de todos.

O grande povoado fortificado de Leceia surge, assim, como o resultado de um processo explicável pela evolução interna da sociedade, na transição do Neolítico final para o Calcolítico inicial, numa altura em que a utilização do cobre era ainda desconhecida, não tendo, pelo menos, registo na cultura material.

No Calcolítico inicial de Leceia, a diferenciação no seio da comunidade é, ainda, sugerida, pelas diferenças de qualidade e de situação detectadas entre as diversas estruturas habitacionais. De facto, a mais expressiva destas estruturas — uma cabana circular com 7 m de diâmetro — situa-se na área melhor defendida, confirmando outras evidências, de carácter funerário (ao nível da arquitectura e dos respectivos espólios) detectadas em Alcalar (PARREIRA, 1990: 34).

Sem dúvida que a larga maioria da população — a menos diferenciada socialmente — viveria em zonas menos privilegiadas, extramuros, fora da protecção das muralhas, como indica não apenas o registo arqueológico, mas também a nítida desproporção entre a imponência e área ocupada pelas estruturas defensivas, quando comparada com a exígua plataforma que defendiam.

O processo de concentração e de sedentarização da população em torno de grandes centros proto-urbanos como o de Leceia, teve como consequência o aumento da dependência dos recursos disponíveis da área adjacente ao povoado, com a sua consequente sobreexploração (SILVA, 1993: 218). De facto, a desflorestação para obtenção de madeira, de lenha e de campos agrícolas, encontra-se sugerida pelos numerosos machados e enxós de pedra polida e pelos resultados da análise polínica realizada por J. Pais. No final do Calcolítico inicial,

tais resultados configuram zonas abertas, com raras árvores (*Pinus* sp., e *Quercus* sp.), povoadas essencialmente por compostas. Neste contexto de extensos e férteis campos ondulados, a agricultura cerealífera de sequeiro assumiria — tal como até à actualidade — papel muito importante, bem como a pastorícia. A caça, não obstante ser relevante em épocas de crise ou de instabilidade social, a par da recollecção de moluscos e da pesca, no litoral adjacente, teria um papel menor ao nível das proteínas consumidas.

Leceia corresponderia, pois, a um grande centro demográfico, controlando uma vasta região envolvente, de que dependeria a sobrevivência da comunidade. Estavam, assim, criadas as condições para o desencadeamento de tensões sociais, inter-comunidades, de luta pela posse dos recursos. O modelo auto-suficiente que adoptaram, determinou estas tensões, exuberantemente demonstradas pela própria edificação de tão imponentes sistemas defensivos.

Em Leceia, poderá ter-se documentado uma de tais situações de conflito. Na estrutura de acumulação de detritos escavada em 1988, das duas identificadas no Calcolítico pleno recolheram-se, misturados com abundantes detritos domésticos, alguns restos humanos, muito dispersos e incompletos. O seu estudo (CARDOSO et al., 1991) indicou, pelo menos, três indivíduos, adultos e do sexo masculino, o que contrasta com o habitual em contextos fúnebres. Tais resultados conjugados com as condições da jazida, indicando indivíduos insepultos, sugere a hipótese de estarmos perante os despojos de atacantes que, depois de dizimados, não teriam merecido sepultura, ao contrário dos habitantes do povoado.

Destes, temos também alguns vestígios. A cerca de 800 m para Sul, na base do Monte do Castelo, já considerado por RIBEIRO (1878) como uma atalaia do povoado, e onde se recolheram materiais calcolíticos, foi identificado o resto da câmara circular de um hipogeu, quase totalmente destruído pela lavra de pedra (OLIVEIRA & BRANDÃO, 1969). O estudo dos restos humanos revelou um grupo de ambos os sexos, constituído por um mínimo de nove indivíduos, coevo da fundação de Leceia, segundo a datação radiocarbónica efectuada (CARDOSO et al., 1991). A relativa penumbra em que as necrópoles se situam, na paisagem, por oposição aos povoados (SILVA, 1993: 218) encontra, também neste caso, confirmação. Tais sepulcros marcariam, embora de forma discreta, a posse de territórios, cuja ocupação, na óptica da captação de recursos disponíveis, era articulada, por núcleos secundários, por vezes não fortificados, aos quais está subjacente um modelo cujas características estão longe de conhecidas.

O papel estruturante de Leceia no povoamento de vasta região envolvente, é apenas comparável, na Baixa Estremadura, a Zambujal (com cerca de 0,7 ha) e Vila Nova de São Pedro (com a área idêntica, de 1 ha), qualquer deles situados a várias dezenas de km em linha recta.

Embora seja nítido o mesmo “ar de família”, estão longe de seguirem os

mesmos cânones, no que respeita à evolução interna dos dispositivos defensivos e à própria sequência cronológico-cultural a eles correspondente; são diferentes as soluções técnicas e distintas as estratégias de organização e de ocupação do espaço habitado. Mesmo ao nível das estruturas elementares se notam diferenças: em Leceia, por exemplo, ao contrário do observado no Zambujal, não foram construídas torres circulares e a fortificação entra em declínio quando, ali, ainda se construiu por muitos séculos mais (SANGMEISTER & SCHUBART, 1981)... Enfim, em Vila Nova de S. Pedro, a fortificação interna parece ser mais recente que o nível caracterizado pela presença de “copos” (SAVORY, 1970), enquanto que, em Leceia, todo o dispositivo defensivo se construiu de uma só vez, na fase cultural onde aqueles recipientes pontificam.

A concentração de riqueza, sob a forma de excedentes de produção agrícola verificada em Leceia, permitiu o estabelecimento de uma rede de trocas, por vezes em larga escala, com outras regiões, incluindo até moluscos, como a amêijoia, que ocorre em povoados do interior, como o Monte da Tumba ou Santa Justa (GONÇALVES, 1991; SILVA, 1993: 222).

Assegurar-se-ia, assim, o abastecimento em larga escala de matérias-primas estratégicas, não disponíveis localmente, nem na região. Exemplo frisante, é o das rochas duras em que são confeccionados a maiorias dos utensílios de pedra polida, indispensáveis ao dia-a-dia desta comunidade, pressupondo rotas estáveis e duradouras, com o interior do Alentejo. Até mesmo o sílex, existente em abundância no próprio substrato geológico do povoado, era importado doutras regiões (Rio Maior), talvez pelos belos efeitos cromáticos das variedades existentes nessa região, tal como, em escala muito mais diminuta, o sílex jaspóide alentejano.

Assim se compreende, também, em Leceia, a presença de cobre, apenas no Calcolítico pleno, manufacturado no próprio local ou, ainda, de matérias-primas sumptuárias, para o fabrico de objectos de adorno ou de prestígio: rochas verdes, para contas e pingentes, e marfim, de origem norte-africana, para alfinetes. A presença destes materiais exógenos, mostra bem a abertura ao exterior que caracterizou a comunidade que no Calcolítico inicial habitou Leceia. Com base no suporte económico obtido localmente, estabeleceu, em pé de igualdade, relações de troca, com outras áreas culturais, especialmente do Sul de Portugal, portadoras de novos estímulos sendo, porém, claro que, até hoje não foi identificado, em qualquer inventário calcolítico estremenho, algum objecto indiscutivelmente importado de área extra-peninsular (SILVA, 1990: 51).

Os próprios povoados, como vimos, evidenciam dissonâncias cronológicas ao nível das sequências construtivas, sem que respeitem formas padronizadas de construção.

A difusão cultural deve ter-se circunscrito, pois, a um outro plano. Sem dúvida que Leceia, tanto pelas características arquitectónicas das suas construções

defensivas como habitacionais, como ainda pela sua própria situação geográfica, integra-se, naturalmente, em um contexto de claras afinidades mediterrâneas.

Ao nível dos ideofactos, a divindade feminina calcolítica, sempre presente nas culturas mediterrâneas, está também representada em Leceia, em numerosos suportes: ídolos-falange, vasos cerâmicos e ídolos cilíndricos, um deles ostentando o atributo sexual.

O calcário marmóreo em que tais peças são, normalmente, confeccionadas, denota também, de forma expressiva, afinidades mediterrâneas. Tão banal é esta matéria-prima na Estremadura, que parece haver um “nonsense” em ter sido a escolhida para o fabrico de peças de carga simbólica tão marcada; seria mais lógico que se recorresse a outras rochas, mais “nobres” e raras, como os anfibólitos. Tais peças não foram reconhecidas no Neolítico final, muito embora se tenha recolhido um “ídolo” tronco-cónico de cerâmica, com topo aplanado, precursor dos que, no Calcolítico inicial, vieram a ser talhados em marfim, osso e calcário.

Aceitamos, por conseguinte, que tenha havido difusão de ideias, no quadro das intensas permutas estabelecidas, por via terrestre, essencialmente com o interior do Alentejo.

Os contactos comerciais foram já valorizados na génese da metalurgia do cobre no Oeste peninsular (PARREIRA; 1990: 29). Talvez assim se compreendam, as recentes indicações de um começo mais precoce da metalurgia do cobre nos povoados do Alentejo e do Algarve, face aos da região estremenha (SOARES, 1993). Com efeito, esta inovação tecnológica só poderia ter frutificado numa altura em que ela se tornasse necessária, generalizando-se o seu uso apenas, e quando, as condições locais o impusessem (CARDOSO, 1987: 74). Residirá neste facto o atraso do seu uso, não apenas em Leceia, mas noutros contextos calcolíticos e, mesmo, no Calcolítico do Sudoeste, onde avulta o bem estudado povoado do Monte da Tumba (SILVA, 1990: 49).

Aliás, a importância do cobre, mesmo onde ele existia, não pode ser sobrevalorizada: ao longo do vale do Guadiana, foi a água e os solos com aptidão agrícola que estruturaram o povoamento calcolítico (SILVA & SOARES, 1993).

Em Leceia, o cobre só ocorre no Calcolítico pleno (Camada 2), numa altura em que todo o dispositivo defensivo se encontrava já desactivado e, em parte, arruinado, demonstrando a independência das duas realidades: metalurgia e fortificação. Nesta época, a área habitada conheceu uma forte retracção, acompanhada pela decadência construtiva, limitada a habitações de carácter precário.

Esta situação configuraria uma decadência da ocupação, não fosse a abundância artefactual a ela correspondente, sugerindo a manutenção de uma comunidade pujante e rica. Outros indícios apontam nesse sentido, designadamente as preocupações com a salubridade e, portanto, a manutenção de critérios de gestão do espaço habitado herdados do Calcolítico inicial.

Terão, tão-somente, os derradeiros habitantes de Leceia, deixado de sentir, ao menos de forma tão avassaladora, as necessidades defensivas dos seus antecessores, transformando-se Leceia, progressivamente, em um povoado aberto? É esta, com efeito, a conclusão a extrair dos factos observados. Tal evolução no povoamento de Leceia prenuncia a que se verificará, de forma generalizada, no final do Calcolítico, na Estremadura, quando se multiplicaram povoados “campaniformes” abertos e disseminados, sugerindo uma ruptura com o sistema concentrado de povoamento até então vigente (JORGE, 1990).

As datações obtidas em Leceia para o Calcolítico pleno (CARDOSO, 1989) mostram que esta fase cultural foi em parte coeva da eclosão de materiais campaniformes, noutros povoados da Estremadura, como o Zambujal.

Porém, na altura em que tais cerâmicas chegam a Leceia, já o povoado se encontrava abandonado, sendo o local apenas episodicamente frequentado, como indicam a sua heterogeneidade tipológica, raridade e acentuada dispersão, sem que a elas se possam associar estratigrafia ou estruturas.

BIBLIOGRAFIA

- CARDOSO, J. L. (1979) - O povoado pré-histórico de Leceia (Lisboa, Portugal). Nota prévia sobre a colecção de Álvaro de Brée. *Bol. Soc. Geol. Port.*, 21 (2/3): 265-273.
- CARDOSO, J. L. (1980) - O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée (1.ª Parte). *Revista de Guimarães*, 90: 211-304.
- CARDOSO, J. L. (1981) - O povoado pré-histórico de Leceia. Estudo da colecção do Escultor Álvaro de Brée (2.ª Parte). *Revista de Guimarães*, 91: 190-233.
- CARDOSO, J. L. (1987) - No estuário do Tejo, do Paleolítico à Idade do Ferro. In *Arqueologia do vale do Tejo*, p. 69-81. Instituto Português do Património Cultural (Departamento de Arqueologia). Lisboa.
- CARDOSO, J. L. (1989) - *Leceia. Resultados das escavações realizadas (1983-1988)*. Câmara Municipal de Oeiras, 146 p.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1984) - O povoado calcolítico de Leceia (Oeiras). 1.ª e 2.ª campanhas de escavação (1983 e 1984). *Clio/Arqueologia, revista da Unidade de Arqueologia do Centro de História da Universidade de Lisboa*, 1: 41-68.
- CARDOSO, J. L.; SOARES, J. & SILVA, C. Tavares da (1987) - Oeiras há 5000 anos. Monografia de Leceia. *Câmara Municipal de Oeiras*, 24 p.
- CARDOSO, J. L.; CUNHA, A. Santinho & AGUIAR, D. (1991) - O homem pré-histórico no Concelho de Oeiras. Estudos de Antropologia física. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 2: 1-85.
- DIAS, J. M. Alveirinho (1985) - Registos da migração da linha de costa nos últimos 18000 anos na plataforma continental portuguesa setentrional. *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico* (Lisboa, 1985), 1: 281-295.
- GOMES, R. Varela; GOMES, M. Varela & SANTOS, M. Farinha dos (1983) - O santuário exterior do Escoural (Montemor-o-Novo, Évora). *Zephyrus*, 36: 287-307.

- GONÇALVES, V. dos Santos (1991) - Megalitismo e metalurgia no Alto Algarve Oriental. Uma aproximação integrada. *Estudos e Memórias do Centro de Arqueologia e História* (Universidade de Lisboa)/INIC, 2 (2 vol.).
- JORGE, S. Oliveira (1990) - *Desenvolvimento da hierarquização social e da metalurgia. In Nova História de Portugal, coord. Jorge de Alarcão (Portugal. Das origens à Romanização)*, 1: 163-212. Lisboa, Editorial Presença.
- OLIVEIRA, A. & BRANDÃO, J. V. (1969) - Descoberta de restos de uma possível gruta artificial em Leceia. *O Arqueólogo Português*, S. III, 3: 287-290.
- PARREIRA, R. (1990) - Considerações sobre os milénios IV e III a.C. no Centro e Sul de Portugal. *Estudos Orientais*, 1: 27-43.
- RENAULT-MISKOWSKY, J. (1986) - *L'environnement aux temps de la Préhistoire. Méthodes et modèles*. Paris, Masson, 184 p.
- RIBEIRO, C. (1878) - *Estudos prehistoricos em Portugal. I - Noticia da estação humana de Licêa*. Academia Real das Ciências de Lisboa, 68 p. Reedição em *Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 1, 184 p., com notas e comentários de João Luís Cardoso. Câmara Municipal de Oeiras.
- SANGMEISTER, E. & SCHUBART, H. (1981) - *Zambujal. Die Grabungen 1964 bis 1973*. Mainz, Walther de Gruyter, 2 vol.
- SAVORY, H. N. (1970) - A section through the innermost rampart at the chalcolithic castro of Vila Nova de S. Pedro, Santarém (1959). *Actas das I Jornadas Arqueológicas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (Lisboa, 1969), 1: 133-162.
- SILVA, C. Tavares da (1990) - Influências orientalizantes no Calcolítico do Centro e Sul de Portugal. Notas para um debate. *Estudos Orientais*, 1: 45-52.
- SILVA, C. Tavares da (1993) - Calcolítico. In *Pré-história de Portugal*. Lisboa, Universidade Aberta, 57: 197-233.
- SILVA, C. Tavares da & SOARES, J. (1993) - O Calcolítico alentejano. Conferência apresentada ao *Simpósio O 4º e 3º milénio no Centro e Sul de Portugal*. Unidade de Arqueologia do Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa/Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães (Cascais, Abril de 1993). No prelo.
- SOARES, A. M. Monge (1993) - Datações absolutas para os IV e III milénios a.C.: uma análise crítica. Conferência apresentada ao *Simpósio O 4º. e 3º. milénio no Centro e Sul de Portugal*. Unidade de Arqueologia do Centro de Arqueologia e História da Universidade de Lisboa/Museu-Biblioteca Condes de Castro Guimarães (Cascais, Abril de 1993). No prelo.
- THÉOBALD, N. (1972) - *Fondements géologiques de la Préhistoire. Essai de chronostratigraphie des formations quaternaires*. Paris, Doin, 96 p.

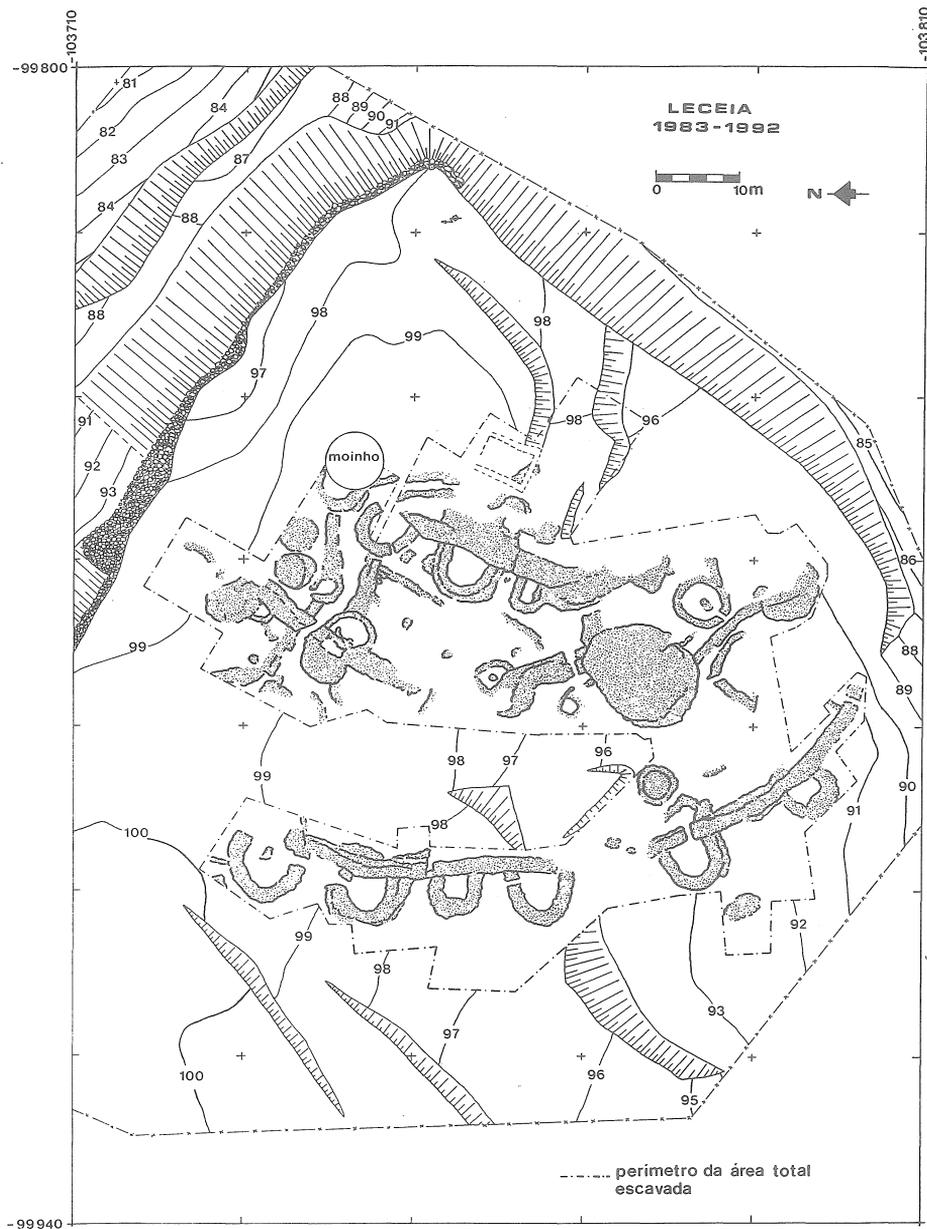


Fig. 1 — Leceia. Planta da área escavada (1983-1992). Evidenciam-se as três linhas defensivas, fechando do lado setentrional a plataforma rochosa.

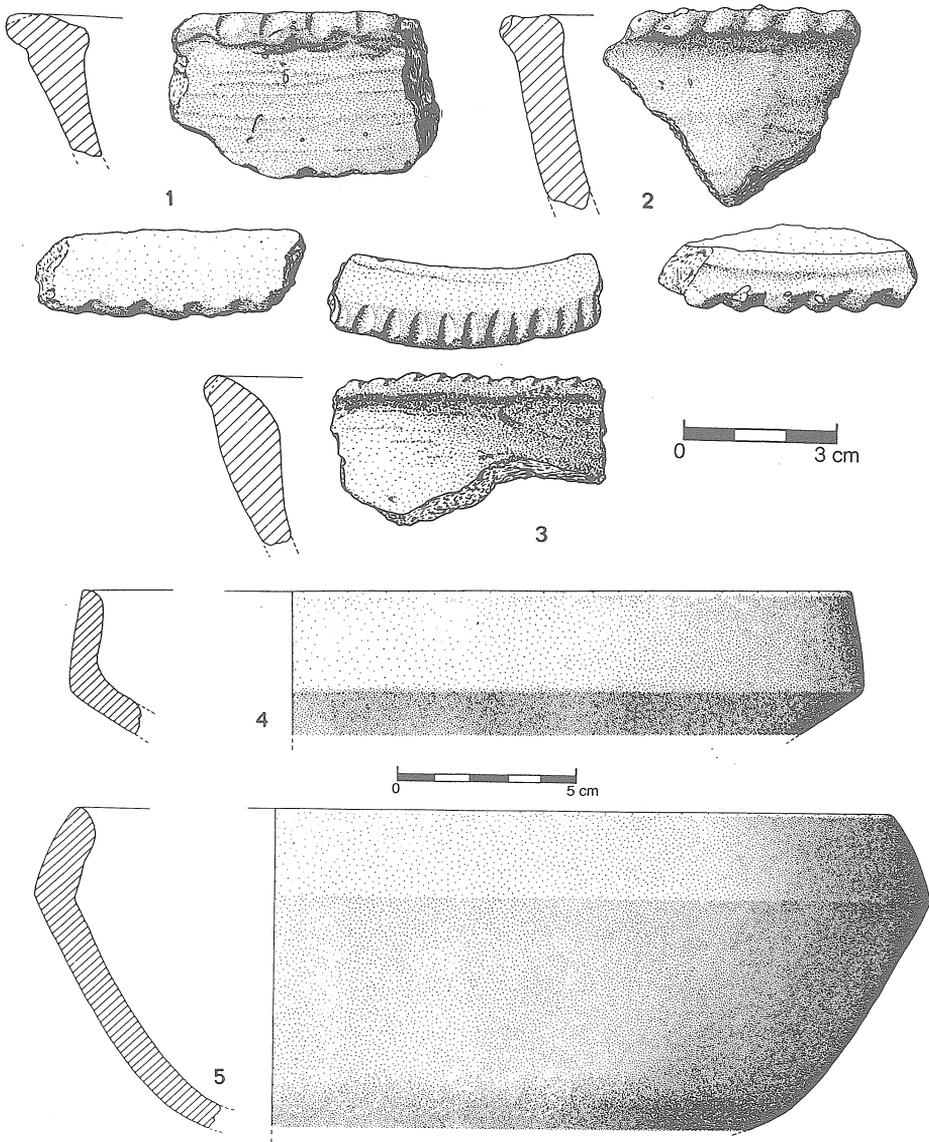


Fig. 2 — Leceia. Cerâmicas características do início da ocupação (Camada 4 - I Fase cultural). 1 a 3 - bordos denteados; 4 e 5 - taças carenadas. Neolítico final da Estremadura.

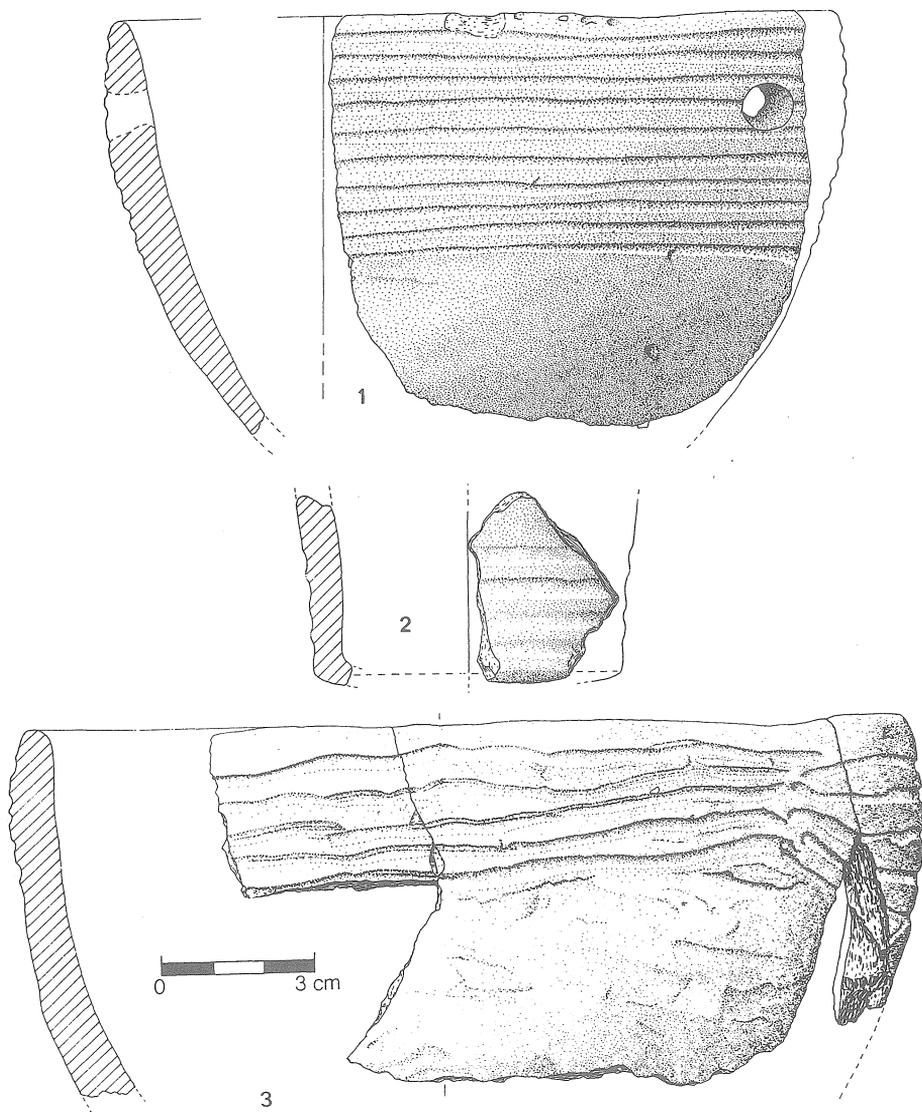


Fig. 3 — Leceia. Cerâmicas características do apogeu da ocupação (Camada 3 - II Fase cultural). 1 e 3 - taças carenadas; 2 - copo canelado. Calcolítico inicial da Estremadura.

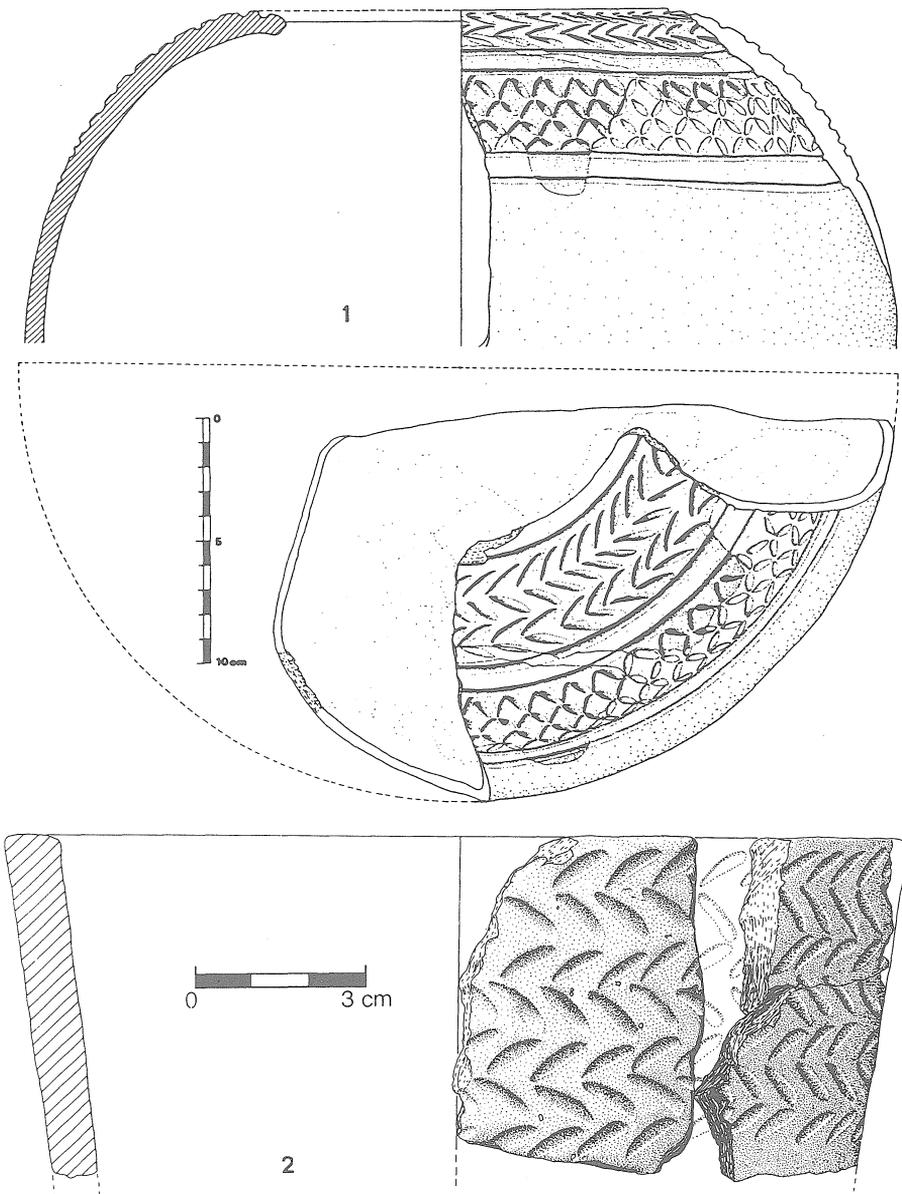


Fig. 4 — Leceia. Cerâmicas características do declínio da ocupação (Camada 2 - III Fase cultural. 1 - grande vaso globular com decoração de “folha de acácia” e de “crucíferas”. 2 - copo com decoração de “folha de acácia”. Calcólítico pleno da Estremadura.